



## Corre-Gira Pombagira: A política do saber das Marias no Ser Mulher

*Corre-Gira Pombagira:  
Marias knowledge policy in Being a Woman*

*Corre-Gira Pombagira:  
La política del conocimiento de las Marías en Ser mujer*

Clairí Zaleski<sup>1</sup>

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Luiz Rufino<sup>2</sup>

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

### RESUMO

O objetivo desse texto é trazer Pombagira para pensar as questões femininas. Nos colocamos na escuta deste signo para transitar por saberes subalternizados e invocá-la para pensar questões da luta feminina. A pombagira emerge para atar sobre o Ser Mulher no cotidiano da desigualdade de gênero, através do caráter livre e transgressor que traz consigo. Propondo uma abordagem a partir do diálogo de saberes, nos valendo do conceito de cruzo enquanto operação teórico-metodológica, atravessando caminhos teóricos, experiências e modos de sentir/fazer/pensar gestadas fora dos modos dominantes buscaremos questionar a estrutura hetero/patriarcal/branca e sua articulação com o modus judaico-cristão na obsessão de ajustar os indivíduos com práticas moralizantes que marcaram as mulheres e o feminino como um símbolo do mal. Incluiremos nessa trama as subjetividades que envolvem o saber corporal em inúmeras possibilidades fazendo sua leitura a partir de sua integralidade para além da materialidade. Unindo a essas abordagens a leitura dos estudos decoloniais sobre o feminismo, numa reflexão que considere a dimensão da realidade concreta e pense para além dos conceitos prontos, percorrendo vias de um feminismo que não tem nome. Pretendemos, em nossa busca de análise e questionamentos, costurar na barra das Sete Saias de Pombagira novas perguntas e avançar nas respostas à desigualdade e violência de gênero.

**Palavras-chave:** Pombagira; Mulher; Decolonialidade; Corporeidade.

<sup>1</sup>Assistente Social, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, na linha Educação Movimentos Sociais e diferenças da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). <https://orcid.org/0000-0003-0243-6601> Endereço eletrônico: [clairizaleski31@gmail.com](mailto:clairizaleski31@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC-UERJ). <https://orcid.org/0000-0003-0206-254X> Endereço eletrônico: [luizrfn@gmail.com](mailto:luizrfn@gmail.com)



## ABSTRACT

The aim of this text is to bring Pombagira to think about women's issues. We listen to this sign to transit through subaltern knowledge and invoke it to think about issues of women's struggle. The pombagira emerges to tie on Being a Woman in the daily life of gender inequality, through the free and transgressive character that it brings with it. Proposing an approach based on the dialogue of knowledge, using the concept of cross as a theoretical-methodological operation, crossing theoretical paths, experiences and ways of feeling/doing/thinking gestated outside the dominant modes, we will seek to question the hetero/patriarchal/white structure and its articulation with the Judeo-Christian modus in the obsession with adjusting individuals to moralizing practices that marked women and the feminine as a symbol of evil. We will include in this plot the subjectivities that involve bodily knowledge in countless possibilities, making its reading from its integrality beyond materiality. Joining these approaches the reading of decolonial studies on feminism, in a reflection that considers the dimension of concrete reality and thinks beyond the ready concepts, traversing paths of a feminism that has no name. In our search for analysis and questioning, we intend to sew new questions on the hem of the Sete Saias de Pombagira and advance in the responses to gender inequality and violence.

**Keywords:** Pombagira; Woman; Decoloniality; Corporeality.

## RESUMEN

El objetivo de este texto es llevar a Pombagira a pensar en la problemática de las mujeres, abriendo el camino para escuchar este Signo, construyendo un camino a partir de nuevas epistemologías y conocimientos, invocándola a pensar en la problemática donde opera la lucha femenina, de frente. de Ser Mujer en la vida cotidiana de la desigualdad de género, a través del carácter libre y transgresor que conlleva. Proponer un acercamiento al conocimiento cruzado, utilizando el concepto de cruce como operación teórico-metodológica, cruzando caminos teóricos, experiencias y epistemologías generadas fuera de las certezas conceptuales lineales. Buscaremos cuestionar la estructura hetero / blanca / patriarcal y su articulación con el cristianismo en la obsesión de ajustar a los individuos a prácticas moralizadoras que marcaban a la mujer y lo femenino como símbolo del mal. Incluiremos en esta trama las subjetividades que envuelven el conocimiento corporal en innumerables posibilidades en una mirada desde su integralidad más allá de la materialidad, uniendo estos enfoques a la lectura de los estudios descoloniales sobre el feminismo, en una reflexión que considera la dimensión de la realidad concreta y piensa en además de conceptos confeccionados, atravesando los caminos de un feminismo que no tiene nombre. Pretendemos, en nuestra búsqueda de análisis y cuestionamiento, coser en el borde de la Sete Saias de Pombagira nuevas posibilidades de respuesta a la desigualdad y la violencia de género.

**Palabras llave:** Pombagira; Mujer; Descolonialidad; Corporalidad.

## Introdução

É uma casa de Pombo, é de Pombogira  
É uma casa de Pombo, é de Pombogira  
Auê, auê, auê, auê. Auê, auá Pombagi é  
Mojubá  
(Ponto de Pombagira)

Ao se debruçar sobre um estudo que trata das questões da mulher, ao reconhecer e buscar entendimento sobre as mazelas da desigualdade de gênero, antes de absorver conceitos ou problematizá-los filosoficamente, acatando ou refutando o que quer que seja, a primeira

questão que emerge é a própria constituição do Ser Mulher. Dessa forma, associamos de maneira visceral e poética o que nos conduziu na trilha sagrada e maldita do feminino.

Inevitavelmente esse processo traz consigo as mulheres que chegaram antes, não apenas as que assinam os textos, mas as que possibilitaram as existências, as abordagens sobre raça, os feminismos que não têm nome, que formaram outras mulheres em redes de solidariedade contra violências e desigualdades. Essas práticas inscritas em modos de luta antirracista e feminina expandiram suas potencialidades, vivências e inteligências, transpondo muros patriarcais avivando suas alegrias, dores, fazendo girar a roda e os modos de trato no mundo masculino branco hetero-patriarcal.

Nesse sentido, trazemos como pontapé inicial de nossa abordagem a vivência de mulheres, mãe e filha, junto ao signo da Pombagira. A descrição dessa experiência retrata um lugar onde a luta feminina acontece, revelando a invocação do signo em episódios cotidianos de violência de gênero, ultrapassando religiosidade e fé; se mostrando como uma necessidade de resposta para a opressão estrutural do machismo.

Fui criada num cenário familiar conduzido sobretudo pela religiosidade, com um pai protestante pentecostal e uma mãe umbandista. Toda a vivência e experiência da minha mãe passava pela autoridade violenta do meu pai, em todos os aspectos, exceto na sua manifestação religiosa. Havia um “respeito” pela sua escolha de fé que se justificava pelo medo assombroso que ele tinha dos símbolos da umbanda os quais considerava um passaporte para o inferno.

Dona Teresinha trabalhava com Maria Padilha do Cabaré e Cigana Sete Saias, o seu corpo sempre contido pela violência de todas as espécies se tornava lindamente livre na gira e nos ritos de incorporação. Não tenho memória dessa fala, mas minha irmã conta que eu dizia: mãe, você deveria ser sempre Pombagira.

Nas situações críticas de violência, minha mãe riscava no chão de casa o ponto de Pombagira<sup>3</sup>, isso criava uma barreira física que o marido não ultrapassava. Havia também imagens que passeavam pelos cômodos, onde não queríamos sua presença colocávamos uma

<sup>3</sup> Pontos Riscados são símbolos gráficos dos quais as entidades se utilizam para determinar sua identificação, eles funcionam como a identidade da entidade que se manifesta.



imagem de Maria Padilha, por esse feito éramos cotidianamente chamadas de mulheres diabólicas.

Para além das subjetividades contidas na fé e no rito religioso, incluindo aí o medo cristão, que fazia um homem resguardado no poder de sua masculinidade controladora e violenta flexibilizar suas posições, havia um significativo efeito prático protetivo na invocação de Pombagira.

Assumindo o risco de cair em certo “lirismo vazio” ao iniciar com esse relato, afirmamos que não se trata da defesa de uma comparação imediata, ou tampouco reduzir o enfrentamento da violência contra a mulher ao uso de determinados signos. A intenção é apontar um caminho se valendo de outros saberes, invocando Pombagira para pensar o problema onde opera a luta feminina, a partir do Ser Mulher no cotidiano da desigualdade de gênero, diante do caráter livre e transgressor que ela traz consigo.

A potência exusíaca encarnada no feminino é o que desestabiliza e transgride as regulações dos modos de ser calçados em princípios racistas e patriarcais conservadores das heranças do colonialismo. A pombagira e as suas amarrações de encanto configuram um amplo repertório de antidisciplinas versadas nas encruzadas. Essas ações táticas problematizam e reposicionam as dimensões de gênero e da raça em uma sociedade que tem o sexismo (incluindo nesse, o machismo) e o racismo como fundamentos (RUFINO; SIMAS, 2018 p.90).

Trazer Pombagira para pensar questões femininas é sobretudo dar ouvidos a ela, muito mais do que qualquer pretensão de dar voz, é abrir a escuta e ceder o corpo. Essa potência feminina existe, pensa, fala, se manifesta para muito além de nós e de nossas tentativas conceituais. Não se encaixa Pombagira, qualquer tentativa nesse sentido seria limitada, por seu caráter imenso e múltiplo. Ela dá o tom na gira, assim nos posicionamos para ouvir, apostando em caminhos em encruzilhadas, pontos cantados, ritos e suas manifestações diversas.

O alicerce dessa proposta perpassa também o estudo sobre a mulher feiticeira, diabólica, a constituição histórica do caráter maldito atribuído ao feminino. O corpo pecaminoso, a sexualidade vinculada à imoralidade, ao diabo; a mulher como símbolo do mal. Na obra “O martelo das feiticeiras” - Malleus, Maleficarum - os inquisidores Sprenger e Kramer expõem e justificam os métodos de condenação das “bruxas”, fazendo desse escrito

do século XV um manual de caça aos hereges, o texto contribuiu para a execução de mais de 100 mil pessoas, em sua maioria mulheres. Utilizam grande aparato machista, misógino com fortes tons de ódio à mulher para explicar os assassinatos:

A razão natural para isto é que ela é mais carnal que o homem, como fica claro pelas inúmeras abominações carnis que pratica. Deve-se notar que houve um defeito na fabricação da primeira mulher pois ela foi formada por uma costela de peito de homem, que é torta. Devido a esse defeito, ela é um animal imperfeito que se engana sempre (Malleus maleficarum, primeira parte, questão VI).

Junto à reflexão sobre narrativas que historicamente forjam a demonização da mulher, da condenação do feminino, soma-se a leitura os estudos decoloniais, sobretudo do Feminismo interseccional/decolonial muito caro nessa empreitada, pois trabalha as questões de gênero a partir de perspectivas plurais, antirracistas e anticapitalistas, abordando a dupla violência, racial e de gênero de uma forma que considere a dimensão da realidade concreta, encorpando as análises teóricas.

Outra abordagem importante nessa trama é o pensar sobre o corpo, visto de forma integral, sem separar corpo da mente como ocorre nas abordagens eurocêtricas. Considerando o saber corporal para além de sua materialidade, visto a partir das dimensões da corporeidade (TAVARES, 2012).

Os diálogos entre perspectivas diferentes alinhavam o que esse estudo almeja costurar, sem pretensão de respostas ou formatação rígida de conceitos, mas mirando um caminho aberto para questionar problemas e alargar subjetividades silenciadas pelo modo dominante. Desse modo adotamos o cruzo (RUFINO, 2019) enquanto operação teórico – metodológica da encruzilhada, não como uma metáfora ou fetiche, mas como conceito chave de nossa reflexão. A Pombagira se localiza na encruzilhada, o feminino que ela emana e abarca se dá de forma encruzada com a pluralidade do Ser Mulher junto com a questão das ciências encantadas. “É a gargalhada da mulher pintada de vagabunda que versa o poder feminino interseccional, antirracista das ruas, esquinas e terreiros da diáspora africana. É essa mesma gargalhada que nos desloca e nos aponta outros caminhos” (RUFINO, SIMAS 2018, p.90).

Consolidamos nosso chão teórico no conceito de cruzo defendido por Rufino na obra “Pedagogia das Encruzilhadas”:



O cruzo é a arte da rasura, das desautorizações, das transgressões necessárias, da resiliência, das possibilidades das reinvenções e transformações. O cruzo, como perspectiva teórico-metodológica, dá o tom do caráter dinâmico, inventivo e inacabado de Exu. A encruzilhada, símbolo pluriversal, atravessa todo e qualquer conhecimento que se reivindica como único. Os saberes das mais diferentes formas, ao se cruzarem, ressaltam as zonas fronteiriças, tempos/espços de encontros e atravessamentos interculturais que destacam saberes múltiplos e tão vastos e inacabados quanto as experiências humanas (RUFINO, 2019, p.86).

É comum a associação da encruzilhada com lugar de onde não se sabe como sair, caminho confuso, labiríntico. Em nosso entendimento é lugar de encontro, conflito, inacabamento, diálogo e possibilidades múltiplas. Na encruza se manifestam saberes diversos, é o lugar da disponibilidade que as coisas aconteçam e a vida se refaz. O desenrolar conceitual que pretendemos apresentar se dá a partir do que vibra na filosofia popular, numa perspectiva epistemológica arejada na nuvem de marafo, consagrada na fumaça da cigarrilha. Assim seguimos buscando romper dicotomias e estar em diálogo com as ambivalências, mais no movimento das perguntas do que na rigidez das respostas.

## 1. **Pote de mel, Copo de veneno:** Apresentando a Dona da Rua

Tentaram me matar com um copo de veneno  
Se quiser matar me mata que beber eu bebo mesmo.  
(Ponto de Pombagira)

A Pombagira representa, no complexo das macumbas brasileiras (SIMAS, RUFINO, 2018), um enigmático símbolo feminino tecido numa trama que amarra feitiço de sedução, corte de demanda, provocação, transgressão e uma infinidade de adjetivos que se misturam em seus antônimos. Ela é suavidade e agressividade, beijo e mordida, amor e ira. Pombagira ata e desata, se manifestando a partir da liberdade do corpo, do protagonismo da sexualidade da mulher, dos feitiços de cura.

De acordo com os cultos bantos, nas palavras de Simas (2020), Bombogira é o lado feminino de Aluvaia, o dono das encruzilhadas, similar ao Exu iorubá e ao vodum Elegbara, dos fons. Em quimbundo, pambu-a-njila é a expressão que designa o cruzamento dos caminhos, as encruzilhadas. Mbombo, no quicongo, é portão. Os portões são controlados por

Exu, Bombogira, Pambu-a-njila, Pombagira: as ruas, a encruzilhada, as porteiras, a diáspora, o mundo. A potência exusíaca encarnada no feminino.

A partir do cruzo de saberes, ritos, tradições religiosas, corpos dançantes, da experiência de encantadas na diversidade da rua nasce as “Marias”<sup>4</sup>. O signo Pombagira contempla uma infinidade de entidades, cada uma com suas marcas, caminhos e peculiaridades, mas vibrando numa mesma energia de sensualidade afluída e livre, num corpo onde não cabe culpa e/ou pecado.

Visões moralistas tentam encaixar Pombagira como mulher vulgar, com histórias de sofrimento e prostituição, associadas a descontrole, histeria, desregramento moral. Pautadas em princípios racistas/machistas/patriarcais assentes no colonialismo, revelando fortes traços de racismo epistêmico.

A toada que a pinta como mulher vulgar indica as limitações e o desmantelamento cognitivo incapaz de se afetar por outras perspectivas de mundo. Os tons vibrados entre o medo e a curiosidade, a ignorância e os discursos normatizadores mantêm a Pombagira na condição do exótico e do animismo fetichista (RUFINO, SIMAS 2018 p. 90).

O caráter transgressor das Marias, a recusa de se encaixar em padrões normativos traz à tona uma possibilidade de resposta ao patriarcado, à violência de gênero, ao racismo epistêmico. Potência que carrega consigo beleza, afronta, cura, sedução e liberdade, essas moças são peito aberto, capazes de chorar um amor perdido e ostentar sete maridos<sup>5</sup>. Provocam a morte com a vida pulsante, com a gargalhada, com a performance do corpo livre. Um feitiço para cada barra de suas sete saias, punhal de ferro, perfume doce. Representa o feminino em sua plenitude, sem formatações.

É comum associar a sexualidade afluída e o corpo livre que Pombagira representa, exclusivamente aos feitiços de sedução, ao ato sexual ou qualquer coisa relacionada mecanicamente a isso. No entanto, a vivência experimentada nos terreiros nos ensina que as Marias são sobretudo, potentes agentes de cura. Representam equilíbrio, beleza, saúde física e mental. Apesar do reforço de uma imagem de desequilíbrio e insanidade é à Pombagira que se

<sup>4</sup> Expressão comum nas umbandas e macumbas brasileiras em referência às pombogiras.

<sup>5</sup> Referência ao verso de um dos seus pontos cantados.



recorre quando estamos confusos, ansiosos ou com a “cuca ruim” como elas mesmo costumam dizer.

Não nos cabe detalhar e avançar nos pormenores da liturgia, do culto às entidades, nossa mirada é no sentido de abrir a escuta para o que esse potente Signo tem a dizer, permitindo a penetração de outras epistemologias no estudo e na vida enquanto sociedade, percebendo os caminhos que a Senhora dos desejos do próprio corpo, da sexualidade autônoma pode nos ajudar a percorrer no embalando na força de transgressão de amarras socioculturais e potencialmente livre.

## 2. **Pombagira - Mulher:** a demonização do feminino

Foi condenada  
Pela Lei da Inquisição  
Para ser queimada viva  
Sexta-Feira da Paixão  
O padre rezava  
E o povo acompanhava  
Quanto mais o fogo ardia  
Ela dava gargalhada  
(Ponto de Pombagira)

Os modelos de sociedade baseados numa estrutura hetero patriarcal, branca e eurocêntrica juntamente com os processos colonizadores, contou ao longo da história, com a articulação e intervenção do cristianismo e suas escrituras. O interesse em ajustar os indivíduos para facilitar o controle social se valeu de práticas moralizantes, manipulação da culpa a partir do uso de noções como inferno e pecado, avançando num modelo católico de colonização.

(SANTOS,2015) nos chama atenção para o formato monetarista, eurocristão que defende um Deus onipotente, onisciente e onipresente. Esse Deus único e inatingível se apresenta de forma desterritorializada e exclusivista visto de uma direção apenas. Por se tratar de um Deus masculino o desenvolvimento das sociedades tendem à modelos patriarcais, apegados a monismos objetivos e abstratos onde sua divindade não pode ser vista materialmente.

Quanto aos povos pagãos politeístas que cultuam várias deusas e deuses pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza que formam o universo, é dizer, por terem deusas e deuses territorializados, que tendem a se organizar de forma circular e/ou horizontal, porque conseguem olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções. Por terem deusas e deuses



tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos. Por verem as suas deusas e deuses elementos da natureza como, por exemplo, a água, a terra, o fogo outros elementos que formam o universo, apegam-se à plurismos subjetivos e concretos (SANTOS, 2015, p.39).

Nesse sentido, o autor nos aponta diferenças entre os cultos monoteístas e politeístas que levantam uma importante reflexão sobre as experiências organizativas dos povos. O modelo do culto num templo cristão apresenta uma estrutura onde os fiéis se postam verticalmente diante do altar, um pregador fala em nome de Deus sobre as normas inflexíveis contidas na bíblia. Os fiéis, a partir dessa organização, são submetidos a modos e significações de acordo com a vontade do Pai sob o aviso de variadas punições para os pecadores desobedientes.

Nos cultos politeístas, nos terreiros dos povos pagãos as filhas e filhos de santo se organizam de forma circular no centro do terreiro como num salão de festas, juntamente com a mãe ou pai de santo. As deusas e deuses se manifestam com a força viva da natureza compartilhando sabedoria e ancestralidade. Essas práticas partem de um princípio onde não existe pecado, da interação com a natureza e da relação com deusas e deuses se materializam as condições de vida. Se opõem portando, às maldições dirigidas ao feminino e a terra.

Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos. Você comerá seu pão com o suor do seu rosto até que volte para terra, pois dela foi tirado, você é pó e ao pó voltará (GÊNESIS 3,17).

A culpa do primeiro pecado recai sobre a mulher, e toda a maldição advém daí, maldito o homem que dá ouvidos a pecadora. Dessa forma, o sustento se dá a partir do trabalho enquanto castigo e a demonização do feminino vai avançando suas proporções.

Rose Marie Muraro<sup>6</sup> ao fazer uma análise da questão da mulher, na obra *Martelo das Feiticeiras*, descreve alguns marcos históricos que contribuíram para delinear a cultura patriarcal que ia se formando. Durante a escrita do Gênesis no Oriente Médio o status da

<sup>6</sup> Escritora pioneira na abordagem do feminismo no Brasil, na obra citada analisa os alicerces presentes no manual, que permitiram a opressão e a violência institucional, por séculos, ao corpo das mulheres.



mulher ia se degradando, esses escritos bíblicos apontam grande desigualdade entre homem e mulher: Deus cria o homem só, e depois tira a companheira da costela dele, o homem “pare” a mulher, tirar da costela é menos violento que tirar do ventre. “Agora, parir é um ato que não está mais ligado ao sagrado, e é antes, uma vulnerabilidade do que uma força, a mulher se inferioriza pelo próprio fato de parir que outrora lhe assegurava grandeza” (MURARO, 2020 p.23).

Essa narrativa, que coloca o homem como o centro da grandeza que trabalha e domina a natureza, desde a escritura do livro de gênesis, embasa a cultura patriarcal e serve milênios afora, para manter a mulher num suposto devido lugar. Vai se formatando a imagem da mulher como tentadora do homem, que atrapalha sua relação com Deus, que conflita as relações entre os homens, está associada à carne, ao sexo, ao prazer. A serpente que em outras eras fora símbolo de fertilidade e sabedoria, torna-se o demônio agente do pecado, pecado da carne. Nesse sentido, o sexo é o pecado maior:

Apenas nos tempos modernos está se tentando deslocar o pecado da sexualidade para o poder. Isto é, até hoje não só o homem como também as classes dominantes tiveram seu status sacralizado porque a mulher e a sexualidade foram penalizadas como causa máxima da degradação humana (MURARO, 2020 p.24).

No período em que o cristianismo vai se sedimentando pela Europa, há um conflito de valores e a situação se torna um tanto confusa para as mulheres, ainda assim ocupam algum lugar nas decisões pela ausência dos homens devido as guerras. Eram domínio público na escassez de homens e voltavam ao privado quando eles reassumiam seu lugar na cultura.

Alcançam na Idade Média acesso às artes, às ciências, à literatura. Isso ocorre durante as Cruzadas momento em que a Igreja chega ao seu maior poder temporal, e logo depois dessa época fim do século XIV até meados do século XVIII acontece o fenômeno generalizado de repressão sistemática às mulheres, caçadas como bruxas, queimadas vivas em fogueiras durante quatro séculos.

Uma possível explicação para essa perseguição seria, segundo a abordagem histórica de Muraro, a relação das mulheres com os processos de cura populares, com o saber próprio a respeito do uso de ervas curativas (e venenosas), habilidades de parteiras, conhecimento sobre

anatomia humana. “As parteiras viajavam de casa e casa, de aldeia em aldeia, eram as médicas populares para todas as doenças”.

A detenção desse conhecimento, e a organização dos grupos de mulheres “atrapalharia” a centralização do poder disperso e frouxo do sistema feudal que a partir do fim do século XIII, se empenha em organizar métodos políticos e ideológicos mais modernos, a religião católica e mais tarde a protestante são fundamentais nesse processo.

Os tribunais de inquisição se prestaram ao papel de torturar e assassinar as pessoas que julgavam heréticas ou bruxas, tentando adequar as massas camponesas às regras de comportamento, com rígido controle ao corpo e a sexualidade, partir do uso de muita violência as regras morais passam a se instaurar na mente das pessoas, se instalando a ideia de puritanismo.

A longa perseguição aos hereges foi algo muito bem calculado para conquistar maior centralização de poder, a transgressão da fé era também, por se tratar de um mundo teocrático, transgressão política. A engenhosa articulação de relacionar fé e sexualidade foi algo pensado com propósito, recaindo sobre as mulheres o peso maior.

A materialização da narrativa exposta em gênesis, numa delirante perseguição às mulheres e ao prazer aponta o feminino como a origem de todo o mal, assim nessa perspectiva é através do corpo da mulher que acontece o pecado original. Eram consideradas feiticeiras as mulheres orgásticas (!) e ambiciosas (primeira parte, questão VI – Malleus Maleficarum), ou seja, aquelas que não aceitaram o puritanismo ideológico e que não se subjugaram às imposições morais.

A obra supracitada é importante prova da estrutura patriarcal que perdura nas construções e vivências da sociedade, nas ditas elaborações civilizatórias onde se experiencia concretamente e funcionalmente a repressão à mulher e ao prazer. A vinculação do orgasmo ao diabo e ao pecado, como falta grave passível de punição, encolhe a condição feminina e a reduz ao âmbito doméstico, por essa via os valores patriarcais são introjetados e consolidados.

As teses que subsidiaram o expurgo do feminino para além do horror dos assassinatos nesse período histórico, ultrapassaram os séculos soprando o seu teor ideológico mundo a fora, presentes na artimanha da colonização e suas catequeses, impondo seus propósitos



emaranhados no sistema de dominação com outras formas de matar, mudando uma coisa aqui e outra ali, mas empenhados em assassinar corpos, saberes e crenças.

Diante dessas considerações, invocamos a Pombagira numa provocação epistemológica a partir da textualidade feminina que ela carrega, sua presença de expansão e multiplicidade contraria a lógica do lugar definido, do encolhimento. O corpo das Marias propõe a rua, o prazer, a autonomia, a rasura dos padrões dominantes e a cura. Anuncia a força livre da corporeidade da mulher, aquela que não se permite domesticar que não se submete à ordem reprodutiva, à servidão de nenhuma espécie.

O girar das saias e o perfume marcante invadem o salão do feminino apresentando possibilidades de tratamento para esse corpo oprimido e violentado. A cura pela experiência de liberdade e beleza. O protagonismo de um corpo embebido de libido e envolvido num movimento constante de sensualidade assusta o olhar domesticado que demoniza a mulher, a proposta radical de liberdade contida nesse signo está ligada a liberdade do corpo, aquele que faz seu caminho de forma autônoma, acessa o prazer quando bem entende e goza quantas vezes quiser.

### **3. Corpo em movimento**

Seguindo na toada dos múltiplos saberes, pedimos licença para usar a fala de Dona Maria Navalha que certa vez me disse: “o corpo pode tudo, pode ser água mansa e pode ser faca amolada”, a experiência/linguagem/textualidade pombagírica contida nessa afirmação, é antes de tudo um convite ao movimento que o corpo pode proporcionar, nos fazendo refletir sobre os saberes expressos nele. Por esse viés falamos de um corpo sem limitações normativas, livre das mazelas da psiquê humana sem dilemas e sem culpas, visto a partir de sua integralidade, questionando as barreiras do binarismo ocidental que aparta o corpo da mente.

A visão ocidentalizada focaliza a mente, a coloca como elevada acima das fraquezas da carne como aponta Oyèrónké Oyewùmí, apresenta uma oposição binária entre corpo e mente. Nessa percepção o corpo é uma armadilha da qual as pessoas racionais devem escapar “a ausência do corpo tem sido uma pré-condição do pensamento racional. Mulheres, judeus,

africanos, pobres e todas as pessoas que foram qualificadas com o rótulo de diferentes, foram consideradas como corporalizadas” (OYEWÙMÍ, 2021). Essa concepção coloca os homens como portadores da razão, “mentes caminhantes” e as mulheres corporificadas, construindo a partir disso categorias sociais opostas.

Falar do corpo como diz Judith Butler, é impossível apenas por meios discursivos, não se pode fixá-lo como simples objeto de pensamento pois indica um mundo para além dele. Esse “mundo” que envolve o saber corporal perpassa inúmeras possibilidades, construções sociais/culturais/históricas, se trata de um importante elemento que permite acessar sabenças múltiplas apontando caminhos de respostas para a opressão, sobretudo as advindas da engenharia colonial que se consolidou a partir da pilhagem de corpos negros e indígenas assassinados brutalmente.

Rufino (2019) atenta para a importância de considerar a dimensão do corpo a partir de conhecimentos que transcendem os limites do emprego usado pela lógica ocidental, sob um prisma que evoca sabedorias cruzadas e diálogo constante com o campo multidimensional.

O corpo potencializado pelo transe (deslocamento e trânsito por muitas dimensões) passa a não ser meramente passivo às violências a ele empregadas, se desgarra da fixidez material imposta pelo substantivo racial e passa a operar inventando/inventariando ações de resiliência e transgressão (RUFINO, 2019 p.131).

Nesse sentido, o corpo visto integralmente para além de sua materialidade costura práticas de saber a partir das dimensões da corporeidade. Quando Maria Navalha diz que o corpo pode ser água mansa e faca amolada, se trata de uma reflexão sobre a potência contida no corpo apresentado como textualidade de terreiro, na incorporação, na gargalhada e demais performances. Objetiva e subjetivamente no rito, “conceitos praticados como sabedoria de fresta”.

Pensar o feminino a partir do Corpo Pombogírico<sup>7</sup> ultrapassa formatações de gênero e sexualidade, ainda que essa discussão seja importante e necessária não reduziremos Pombagira a comparações ou associações simplificadas. Não se trata de uma versão feminina

<sup>7</sup> Nos referimos a Corpo Pombogírico como uma expressão que abarca possibilidades epistemológicas a partir da liberdade contidas no Signo Pombagira.



“empoderada”, enquadrada num feminismo de mercado com o seu Girl Power ou coisas do tipo.

Acessamos, portanto, esse Corpo que encarna e representa à recusa aos modelos machistas patriarcais, para se encruzar ao pensamento feminista interseccional/decolonial, imprimindo sua potência transgressora nas regulações normativas.

#### **4. Feminismo de muitas faces: Gira com muitas saias**

Quais as práticas que mulheres realizaram para que outras estivessem vivas hoje? A resposta para essa pergunta é uma trama que pretendemos manusear sem apegos a definições e certezas, considerando esse questionamento como uma forma de nos ajudar enquanto guia do que buscamos costurar no nosso pensamento até aqui e a partir daqui.

Estar viva hoje sendo mulher, vai muito além da noção de vida do corpo enquanto matéria. Todas as tentativas de apagamento do Ser Mulher advindas das estruturas racistas/patriarcais perpetradas pelo colonialismo, ataque ao corpo, feminicídio extrapolam a morte física. Há de se pensar, portanto, de forma mais ampliada no que se refere às noções de vida e morte. Nesse sentido:

as perspectivas explicativas assentes na cosmogonia iorubana, e respectivamente, nos cruzos da afrodíaspóra, a noção de morte para além da constituição da matéria, se vincula às noções de esquecimento, escassez, desencante e perda de energia vital (RUFINO, 2019 p.131).

Dessa maneira, é importante reavivar as mulheres que nos antecederam e as práticas que nos permitiram trilhar caminhos de maior liberdade, na busca constante por equidade, invocamos assim, um feminismo que não tem nome, ou que não necessariamente se ajuste a noções já postas, procurando costurar na barra das Sete Saias de Pombagira as questões do feminino, dialogando com a memória das mulheres numa mirada feminista atenta em escutar os cotidianos e suas práticas de saber.

Não refutamos o feminismo como um modo que considera a existência de opressão específica a todas as mulheres, pelo contrário, nos valem das múltiplas contribuições históricas das leituras feministas no sentido de escarafunchar os pormenores dessa opressão

que se manifesta tanto a nível das dimensões cotidianas, quanto das superestruturas (ideologia, cultura e política) e assume formas diversas conforme as diferenças de raça, etnias e classes.

É fundamental olhar o feminismo como um movimento político que questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Que se contrapõe radicalmente ao poder patriarcal propondo mudanças sociais, econômicas, políticas e ideológicas da sociedade.

No entanto, como diz Mary Garcia Castro não precisamos de uma nova perspectiva no feminismo, mas de várias, que possam produzir questionamentos ao que está posto. Os caminhos postos na esteira do pensamento descolonial se mostra uma via importantíssima de reflexão por se afastar de universalismos e fórmulas eurocêntricas:

pede escuta a experiências comunitárias de autonomia que se não recusam o Estado, pelo menos não são dependentes de suas políticas, além de sublinhar saberes femininos em cotidianidade de sobrevivência, inclusive emocional (CASTRO,2019 p.33).

A formulação de um pensamento crítico descolonial que envolva gênero possibilita levantar questões urgentes para recuperar narrativas ancestrais e acionar epistemologias silenciadas. Se faz essencial a consciência da opressão dos processos colonizadores para dialogar com as questões de gênero.

Lugones (2020) no ensaio Colonialidade e Gênero aponta o gênero como estruturante da colonialidade, enquanto uma categoria criada pelo vocabulário colonial. O feminismo descolonial revela uma imbricação estrutural das noções de heteronormatividade, raça e sistema capitalista. Considerando colonialidade não apenas como classificação racial, mas como parte estruturante do sistema de poder, que perpassa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva.

Antes mesmo da discussão em torno do feminismo descolonial se consolidar no Brasil, Lélia Gonzales propunha com a categoria de “amefricanidade” a incorporação de uma metodologia orientada por referenciais afrodiaspóricos que permite a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades. “a



América, enquanto sistema de etnográfico de referência, uma criação de nossos antepassados no continente em que vivemos inspirados em modelos africanos” (GONZALEZ,1988 p.76).

Esse pensamento precursor, substancia a questão de gênero trabalhada por Lélia e se consolida como um importante pilar reflexivo:

Nós mulheres e não brancas fomos faladas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos do nosso próprio discurso, como da nossa própria história. É desnecessário dizer que, com todas essas características estamos nos referindo ao sistema patriarcal-racista (GONZALEZ, 2019 p.38)

Ao chamar a atenção para as lacunas e limitações internas do feminismo, quando se percebe a urgente necessidade de abordar a exclusão das mulheres negras e indígenas, se aponta um caminho para pensar o feminismo de forma heterogênea e interseccional, incluindo ao longo das reflexões uma infinidade de faces do feminino.

Partindo do pressuposto que as opressões não são estáticas é preciso que o enfrentamento também não seja, para além da abordagem estruturada no feminismo descolonial, antirracista e anticapitalista propomos uma leitura atenta as textualidades que envolvem a mulher, procurando uma forma de escuta que não se prenda tanto ao que se lê, mas que perceba sensivelmente o que se vive.

A intenção é provocar movimento, trazer para a trama elementos tecidos no interior das corporeidades negadas pelas certezas eurocêntricas, considerando o corpo como esfera de saber, extrapolando as perspectivas racionais e os conceitos enrijecidos. Apresentando Pombagira como disponibilidade filosófica a partir da sua potência feminina, como resposta para a opressão de gênero.

É preciso reforçar que a potência de Pombagira, não se sujeita à encaixes conceituais dominantes, e ainda que seja um signo permeado de sensualidade e liberdade sexual não a reduziremos a isso, não colocaremos as Marias a serviço do feminismo ou do que quer que seja, isso seria pensar nos moldes coloniais. Assim, partimos da representatividade no Ser Mulher, com a sua transgressão e recusa à submissão do patriarcado. A sua liberdade é o seu maior feitiço, não ousaremos amarras com a Rainha da amarração.



A vasta corte de Marias se apresenta a partir de uma infinidade de lugares, passeia, portanto, na diversidade que o feminino abarca, conhecem inclusive o seu lugar de sofrimento e a atmosfera de cura que emanam se faz também pelo manuseio de suas mazelas. A habilidade para o corte das demandas e o enfrentamento da morte (em perspectiva ampliada) é uma marca importante desse signo.

Tentaram me matar na porta do cabaré. Ando de noite ando de dia só não mata quem não quer  
(Ponto de Pombagira).

Não se trata de uma comparação, mulher de cá Pombagira de lá, mas de um cruzo de saberes que por vezes se complementam, por vezes se contradizem. Entre afinidades e respostas, inquietações e perguntas a trama vai se apresentando como alternativa de caminho para pensar desigualdades e silenciamentos de gênero.

## Conclusões

As elaborações presentes nesse texto são os primeiros passos de uma pesquisa em processo. Apresentamos pontos de partida que irão ganhar ainda outros desdobramentos, até porque Pombagira é Exu mulher e não há caminho que termine ou se feche. Os caminhos se fazem na inerência das travessias. Para o acabamento provisório, que está mais para um primeiro sopro de palavras, buscamos na memória da experiência, a condução do nosso corpo/texto se deixando levar pelo vento que sopra na encruza.

Era comum encontrar na porta de casa presentes para as Pombagiras da minha mãe, ela chegou a pendurar um aviso: “favor levar os agradados para o terreiro.” Numa tentativa de separar a médium das entidades, em vão, durante toda vida houve pedidos e agradecimentos materializados naqueles presentes por onde quer que passasse Dona Teresinha e suas Marias, revelando uma permanência cotidiana para além dos ritos de incorporação.

Entre a tentação de pegar as bijuterias, os perfumes e o medo de mexer no que não era meu, acompanhei uma relação médium-pombagira que por muito tempo não soube separar, não conseguia saber onde começava uma e terminava a outra, assim como as pessoas que



deixavam os presentes em casa e não no terreiro. Essa intrigante permanência manifestada nas dores e nas belezas das subjetividades do feminino é um dos principais aspectos que pretendemos observar no campo.

Esse texto é o abrir de olhos no amanhecer do nosso corpo pesquisa, onde a contundência teórica, o uso bibliográfico e as vivências/experiências articuladas nessa trama, não serão propostas de forma linear, respeitando nossa credibilidade ao conceito de cruzo e fazendo valer, responsabilmente, o signo Pombagira como alternativa epistemológica.

Trabalhando numa via feminista não romantizada, mas enquanto ação que mexe com as estruturas de privilégio sem perder o aspecto político, sem apegos às ilusões de avanços, creditando o feminismo descolonial como uma vertente, não como uma onda e conscientes que a colonização é uma forma de violência que nos constitui.

Oferecemos essas palavras como garagalhada confiando na potência das coisas miúdas, nas entrelinhas indecifráveis do feitiço, na intrigante magia de quem encontra uma oferenda bonita na porta e não sabe se mexe ou não mexe, mas que se afeta no lapso entre o que vê e o que não vê, na medida que se propõe a ler.

## Referências

- BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa, (org). **Pensamento feminista hoje- perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.
- CASTRO, Mary Garcia. Introdução, in Heloísa Buarque de Hollanda. **Pensamento Feminista hoje-perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- GONZALES, Lélia. **A categoria político cultural de amefricanidade**, in: Revista tempo brasileiro, nº92/93, jan/jun. Rio de janeiro, 1988, p.76
- GONZALES, Lélia. (2020) **Por um Feminismo Afro-latino-americano**. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (ORGs). ZAHAR, Rio de Janeiro.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. 29 ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LUGONES, María. Colonialidade e Gênero, in Heloísa Buarque de Hollanda. **Pensamento Feminista hoje – perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- OYEWUMI, Oyerónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019



RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. **A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SANTOS, Antonio Bispo. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília: UNB, 2015.

Dossiê



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 03 de novembro de 2021.

**Artigo aprovado para publicação em:** 10 de novembro de 2021.